

Chance de El Niño acende alerta do setor elétrico

Fenômeno, que afeta condições climáticas, pode acontecer no segundo semestre de 2026 e afetar linhas de energia

/ ENERGIA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

A infraestrutura de fornecimento de energia no Rio Grande do Sul já sofreu graves impactos em outras épocas com eventos climáticos e, principalmente, em 2024 com a maior enchente da sua história. E, para 2026, está aceso o sinal de alerta devido à possibilidade da ocorrência do El Niño (que afeta as condições do clima no planeta), que representaria a perspectiva de eventos climáticos severos e chuvas intensas para o Estado.

Conforme projeções da Nottus, uma empresa de inteligência de dados e consultoria meteorológica para negócios, a previsão probabilística aponta para o aquecimento do Oceano Pacífico ao longo de 2026 e, assim, aumento da chance para um possível El Niño no segundo semestre. “Aí, pensando em Rio Grande do Sul, é algo para ficar de orelha em pé. Pode ter, vez ou outra, eventos muito extremos”, adverte o sócio-diretor e meteorologista da Nottus, Alexandre Nascimento.

No entanto, o especialista fri-

sa que ainda não se pode afirmar com certeza que o El Niño irá ocorrer ou também prever sua eventual intensidade. O que é possível confirmar é que este verão começou com a influência da La Niña (que ao contrário do El Niño consiste na redução da temperatura da superfície das águas do Pacífico, mas também causa alterações climáticas). De acordo com levantamento da Nottus, a tendência é de uma La Niña de fraca intensidade e que dará lugar a uma neutralidade climática no decorrer do primeiro trimestre do ano.

Nascimento recorda que o setor agrícola do Rio Grande do Sul, costumeiramente, se preocupa com esse fenômeno por causa de ocasionais estiagens. Porém, nesta passagem de ano, a perspectiva é que o Estado verifique uma boa quantidade de chuvas.

No âmbito nacional, o representante da Nottus informa que se espera que a chuva ocorra, especialmente na região Sudeste, onde ficam localizadas as principais hidrelétricas do País, o que ajudará a recuperar os níveis dos reservatórios, que se encontram em patamares baixos. “Mas, é aquilo, com os reservatórios muito baixos e chovendo dentro do normal,



Eventos climáticos intensos vêm atingindo o Estado nos últimos anos

se recupera, porém não resolve o problema (definitivamente), empurra para o ano seguinte”, frisa o meteorologista.

Ele enfatiza que não há sinais de risco de racionamento de energia no País para o próximo ano, entretanto, muito provavelmente, as termelétricas terão que ser acionadas para dar mais segurança ao

fornecimento do setor elétrico, o que acabará impactando as contas de luz dos consumidores. Para os primeiros meses do ano, o sócio-diretor e meteorologista da Nottus projeta que deverá haver apenas problemas pontuais causados pelo clima no Rio Grande do Sul, nenhum evento em maior escala.

No entanto, se o El Niño se

confirmar na segunda metade de 2026, ele ressalta que quando as chuvas vêm em forma de temporais invariavelmente afetam as linhas de distribuição de energia. “De agora em diante, não somente para o Rio Grande do Sul, mas para o Brasil também, esse será um dos desafios”, conclui Nascimento.

Distribuidoras do Rio Grande do Sul tomam medidas para mitigar impactos

A CEEE Equatorial e a CPFL RGE, as duas maiores distribuidoras de energia do Estado, têm adotado ações para amenizar os reflexos que temporais e vendavais causam em suas redes elétricas. As concessionárias confirmam que esses acontecimentos têm ficado cada vez mais frequentes.

De acordo com dados da CEEE

Equatorial, desde que a distribuidora foi privatizada, em julho de 2021, até outubro de 2025, foram registrados 55 eventos climáticos extremos que atingiram sua área de concessão, que abrange 72 municípios gaúchos. Diante desse cenário, a companhia informa que reorganizou e ampliou seu Plano de Contingência, empregando me-

das concretas para o enfrentamento de crises.

Entre as iniciativas postas em prática, está a criação de uma sala de crise permanente, com gestores de diferentes áreas e canal direto com autoridades como Defesa Civil, governo estadual e prefeituras, além da emissão de boletins periódicos voltados à população por

meio dos canais oficiais e da imprensa. Como parte dessa reorganização, foram implantadas 13 novas bases operacionais em pontos estratégicos da área de concessão da empresa. Essas unidades aproximam equipes e recursos das regiões atendidas, o que viabiliza, conforme a empresa, respostas mais ágeis e eficientes em situações de emergência.

Já em nota, a CPFL RGE, que fornece energia a 381 municípios no Estado, salienta que eventos climáticos extremos tendem a se tornar mais frequentes e intensos, o que exige planejamento contínuo, investimentos estruturais e protocolos operacionais robustos. Segundo o comunicado, há mais de oito anos, a CPFL Energia, que controla a CPFL RGE, vem se preparando para esse contexto por meio de um programa estruturado de resiliência de redes, desenvolvido em parceria com a Climatempo e a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A partir desses estudos, a empresa revisou padrões construti-

vos da rede elétrica, adotou novas soluções tecnológicas e aprimorou suas logísticas operacionais, com foco na adaptação da infraestrutura a eventos climáticos severos. Para a empresa, o enfrentamento desses acontecimentos envolve não apenas a adaptação da rede elétrica, mas também ações integradas com o poder público, como planejamento urbano, construção civil adequada e a gestão da arborização urbana.

A cada grande evento climático, o Plano de Contingência da companhia é revisado e atualizado, incorporando aprendizados operacionais e tecnológicos. No Rio Grande do Sul, a CPFL RGE planeja aplicar cerca de R\$ 9,3 bilhões, no período entre 2025 e 2029, voltados à modernização do sistema elétrico e ao monitoramento das condições climáticas, além do fortalecimento de parcerias com prefeituras e a comunidade para conscientizar sobre o manejo adequado da vegetação e manutenção de árvores e galhos afastados da rede elétrica.



Planos de contingência e programas de resiliência de redes são ações adotadas para minimizar danos